

**A MULHER DE JÓ, UM GRITO DE PROTESTO:
UMA RELEITURA DO LIVRO DE JÓ
SOB A PERSPECTIVA DA TEOLOGIA FEMINISTA¹**

**Natalino das Neves²
Luiz Alexandre Solano Rossi³**

Resumo: Considerando que a participação das mulheres no pensar teológico tem aumentado nas últimas décadas, que, mesmo sem o pleno reconhecimento acadêmico e das instituições de ensino, a teologia feminista tem influenciado a forma de interpretar os textos bíblicos, este artigo tem por objetivo analisar o livro de Jó a partir da hermenêutica feminista da Bíblia. Trata-se de uma pesquisa com abordagem hermenêutica sob a perspectiva feminista, e como resultado demonstra que a aparição repentina e curta da mulher de Jó não foi desprezível, mas traz consigo um contexto de opressão feminina no período da escrita do livro (Império Persa), sendo que sua fala representa o grito de protesto dessas mulheres. Este artigo apresenta uma visão diferente da interpretação tradicional da mulher de Jó, de ser insensata e emocionalmente desequilibrada, para uma figura corajosa que protesta contra o *deus* do dogma da teologia da retribuição.

Palavras-chave: Gênero. Teologia Feminista. Livro de Jó. Antigo Testamento.

Job's wife, a cry of protest:

a reinterpretation of the Book of Job in the perspective of Feminist Theology

Abstract: Whereas the participation of women in theological thinking has increased in recent decades, and even without the full recognition of academic and educational institutions, the Feminist Theology has influenced the way of interpreting biblical texts, this article aims to analyze the book of Job from the feminist hermeneutics of the Bible. This is a survey of the hermeneutic approach in the feminist perspective and as a result shows that the sudden appearance and short of Job's wife was not unassuming, but it brings a context of women's oppression during the writing of the book (Persian Empire) and that his speech is the rallying cry of these women. This article presents a different view of Job's wife traditional interpretation, to be misguided and emotionally unbalanced, for a courageous figure who protested against the *god* of the dogma of the theology of retribution.

Keywords: Gender. Feminist Theology. Book of Job. Old Testament.

¹ O artigo foi recebido em 20 de julho de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante pareceres de 02 de março de 2011 e de 21 de março de 2011.

² Mestre em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR, Curitiba/PR. Contato: natalino.neves@ig.com.br. Agradeço à professora doutora Mary Rute Gomes Esperandio (mresperandio@gmail.com), que ministrou a disciplina de Temas de Teologia e Gênero no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR, em Curitiba, e que muito contribuiu para a elaboração deste artigo.

³ Pós-doutor em História Antiga pela UNICAMP e em Teologia pelo Fuller Theological Seminary. Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR, Curitiba/PR. Contato: luizalexanderrossi@yahoo.com.br

O movimento feminino em defesa dos direitos da mulher, que teve origem no século XVIII, contribuiu para o surgimento da Teologia Feminista no século XX, ao preencher a lacuna deixada pelas teologias tidas como libertadoras, mas que não davam a devida atenção à causa feminina. Essa teologia modificou a forma de interpretar os textos bíblicos, desconstruindo o conceito anterior e reformulando-o, tendo como categoria de análise o gênero, que não tem a intenção de negar as diferenças biológicas, mas entender as construções sociais que interferem no fazer teológico sob a ótica feminina.

Neste sentido, este estudo procura fazer uma interpretação sob a abordagem de gênero do Livro de Jó, que pertence ao gênero literário sapiencial e possui uma tradição interpretativa de um personagem paciente, que se submete à vontade do destino e não recebe nem o apoio da esposa. Essa nova forma de leitura do texto bíblico e do fazer teológico – a partir da ótica feminina – torna transparentes as questões que são abordadas de forma subliminar pelo autor do livro, provavelmente devido à pressão que o sistema vigente imputava sobre a sociedade. Isso torna este artigo relevante para a teologia contemporânea.

O surgimento da Teologia Feminista e a mudança metodológica na interpretação bíblica⁴

A Teologia Feminista surgiu como reação às correntes teológicas existentes no século XX (teologia do processo, da esperança, negra e da libertação), criadas em defesa dos pobres, oprimidos, negros e marginalizados, mas nem sempre privilegiando os direitos das mulheres. A Teologia Feminista nasceu no século XX, mas a base para o surgimento encontra-se em séculos anteriores. Essa teologia tem como principais precursoras: Olympe de Gouges, autora da “Declaração dos direitos da mulher”, de 1791, e Mary Wollstonecraft, que escreveu o livro “Reivindicação dos direitos da mulher”, publicado em 1792⁵.

O termo Teologia Feminista de Libertação surgiu oficialmente na América Latina em 1993. A categoria de análise passou a ser de gênero (construção social e cultural inerente a cada sexo), diferente da abordagem anterior que era o sexo (caracterização biológica)⁶. Dentre os principais fatos relevantes para a Teologia Feminista, destacam-se:

⁴ Para um aprofundamento em questões de hermenêuticas feministas de libertação e questões “biológicas constitutivas” para a construção das relações de poder de gênero, cf. REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da (Orgs.). **Hermenêuticas Bíblicas**. Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG; ABIB, 2006; REIMER, Haroldo. **Bíblia e ecologia**. São Paulo: Reflexão, 2010; e obras de Judith Butler.

⁵ DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org). **Gênero e Teologia**, interpretações e perspectivas. São Paulo: Paulinas; Loyola: Belo Horizonte: Soter, 2003. p. 171-186.

⁶ DEIFELT, 2003, p. 186.

- Publicação da *Woman's Bible*, de Elisabeth Cady Stanton, nos EUA, em 1895 e 1898;
- Fundação da Aliança Internacional Joana D'Arc, na Grã-Bretanha, em 1911 (católica);
- Ordenação de mulheres pelas principais igrejas protestantes (meados do século XX);
- Criação do Conselho Mundial de Igrejas (inclusão dos temas: mulheres na igreja, educação e liderança).

Mesmo sem o pleno reconhecimento acadêmico e teológico pelas instituições de ensino, superior ou não, a Teologia Feminista tem avançado em sua influência a ponto de incentivar a desconstrução do próprio método teológico normativo e incluir na agenda teológica temas até então considerados de responsabilidade exclusiva de outras áreas da teologia (poder, ética, diversidade, direitos reprodutivos, direitos humanos, ecologia e ecofeminismo, entre outros).⁷

É possível afirmar que a realidade social pode ser compreendida a partir do cotidiano, expresso por meio das relações sociais. Nesse cotidiano são geradas as crenças e as questões teológicas, constituídas de diversidade e diferenças. No contexto latino-americano com origens europeias e predominância masculina, branca e cristã, o que não se enquadra nesse paradigma é tratado com indiferença e exclusão. Essas questões influenciam o fazer teológico mesmo que as teologias que representam os excluídos (feminista, negra e indiana), de forma geral, tenham objetivos em comum. Entretanto, a teologia desenvolvida a favor dos excluídos não favoreceu a questão feminina e ao corpo humano e cósmico, sendo necessária a desconstrução desse aparato teológico para resgatar a dignidade humana.⁸

Silva⁹ apresenta uma síntese de uma possível leitura da Teologia Feminista latino-americana. Com base na periodização de Ivone Gebara, apresenta a história da Teologia Feminista na América Latina em três fases, que são coexistentes e acronológicas. A primeira fase apresenta a mulher como sujeito histórico oprimido, sendo objeto da opressão, visão essa influenciada desde fora da igreja, pelo movimento feminista e de mulheres que tinham como desafio a luta pela busca da transformação radical da sociedade e melhorias nas condições de vida. Dentro do contexto bíblico, a influência era baseada em personagens bíblicos que se identificavam com a luta pela transformação social, como Débora, Míriam, Rute, Agar, Judite, entre outras. A segunda é representada pelo aumento da ocupação da

⁷ STRÖHER, Marga Janete. Teologia Feminista e Gênero. Territorialidades, Deslocamentos e Gêneros. In: III FÓRUM MUNDIAL DE TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO. Belém – Brasil, jan. 2009. Disponível em: <<http://www.wfl.org/pdf/055.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2010. p. 507.

⁸ STRÖHER, 2009, p. 508-511.

⁹ SILVA, Silvia Regina de Lima. Teologia Feminista Latino-Americana. In: II CONSULTA DE TEOLOGIA E CULTURAS AFRO-AMERICANAS E CARIBENHAS. São Paulo, nov. 1994. Disponível em: <<http://ospiti.peacelink.it/zumbi/afro/atab/cons22.html>>. Acesso em: 01 fev. 2010.

mulher no ambiente acadêmico de reflexão teológica, interferindo na interpretação da forma de pensar Deus, incluindo uma hermenêutica sob a perspectiva feminina da teologia, ao contrário do conceito tradicional patriarcal. Entretanto, não consegue se desvincular do estereótipo do feminino como o maternal, o sensível, frágil, doméstico, que poderia contribuir para uma emancipação feminina. A terceira fase apresenta um avanço no questionamento da identidade feminina, da antropologia, da cosmologia e da teologia, que sustentam o discurso patriarcal. Traz uma nova forma de ver o mundo, seus relacionamentos, inclusive com o divino. Portanto um questionamento à forma dominante de pensar teologia.

Silva¹⁰ afirma que Ivone Gebara faz crítica à Teologia da Libertação e apresenta uma visão mais coletiva de Deus, no entanto, sem avanço significativo nas questões de libertação feminina. Para ela, a Teologia Feminista latino-americana apresenta uma visão teológica mais integrada e justa do que a europeia, demonstrando um maior comprometimento com a emancipação da mulher e com uma ênfase crítica de teologias que promovam a discriminação e subordinação impostas por opressão. Além disso, promove um diálogo com as demais teologias que defendem a pluralidade e lutam contra a prática da opressão.

A abordagem sob a perspectiva de gênero não tem por objetivo negar as diferenças biológicas entre o homem e a mulher, mas busca compreender a realidade histórica da construção social do masculino/feminino e das identidades de gênero, que difere dependendo das sociedades e períodos históricos. Essas construções sociais são produzidas pelas relações de poder sexualizadas que definem as atribuições de responsabilidades para o homem e mulher.¹¹ Segundo Swain¹², a crítica ao sexo biológico ainda é incipiente e nova se comparada à constituição de categorias tais como gênero ou patriarcado. O ser humano é visto dividido em dois sexos, com diferenças sociais acentuadas pelo controle do sexo masculino sobre o feminino, sustentadas pela instituição cultural do sexo biológico que, dentre outros pontos negativos, apresenta a mulher como descontrolada, desregrada, perdida nas atribuições, o corpo sexuado feito mulher como estratégia, objeto e alvo de um sistema de saber/poder. A historicidade das práticas discursivas sobre o corpo e a sexualidade e a imposição de inferioridade da mulher em relação ao homem são geradas a partir da ideologia mantida pelo poder dominante.

Esse tipo de ideologia, segundo Chauí¹³, “é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e

¹⁰ SILVA, 1994.

¹¹ SILVA, Nanci Stancki; GITAHY, Leda Maria Caira. Gênero e divisão sexual do trabalho no Brasil. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 2, n. 8, p. 25-26, out./dez. 2006.

¹² SWAIN, Tânia Navaro. Quem tem medo de Foucault? Feminismo, Corpo e Sexualidade. In: PORTO CARRERO, V.; BRANCO, G. C. **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2000. p. 4-8.

¹³ CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 113.

como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer”. Realidade que somente poderá ser modificada com a decodificação desse regime instituído de produção da verdade, pela desvinculação com as formas de hegemonia (social, econômicas, culturais) e com a criação de novas instâncias discursivas de resistência contra a ideologia dominante.

Por isso a necessidade da mudança do princípio metodológico em relação à Teologia Feminista, segundo Deifelt¹⁴, passa a ser o de desconstrução e construção. Surgindo, conseqüentemente, o questionamento das dicotomias, polaridades e dualismos, que nas relações de poder cerceiam as potencialidades humanas e provocam desigualdades justificadas pelas diferenças biológicas e mandatos divinos.

Dessa forma, as teólogas feministas “revisam textos e tradições consideradas normativas e canônicas, apontando para o seu caráter androcêntrico, e resgatam a perspectiva de grupos excluídos – entre os quais as mulheres”¹⁵. Elas também acusam a utilização da religião como instrumento de dominação: “[...] Constata-se que, em grande medida, a religião foi utilizada para subjugar, oprimir e desvalorizar indivíduos e grupos sociais”¹⁶. É possível dizer que a Teologia Feminista surge com metodologia própria com base nas experiências da mulher, em que essas experiências servem como ponto de partida para a reflexão teológica. “[...] Nossas experiências definem nossa percepção de Deus, de nós mesmas, das pessoas e do mundo à nossa volta.”¹⁷

Diante disso, para atingir o objetivo deste artigo, a seguir é realizada uma hermenêutica do Livro de Jó sob a perspectiva feminina da teologia.

A questão de gênero no Livro de Jó

O Livro de Jó, apesar de tratar de um tema atual, comum e abrangente – o sofrimento do inocente –, não é de fácil assimilação. Portanto, para compreender sua mensagem, não pode ser utilizada uma análise simplista, mas devem ser levados em consideração alguns elementos mínimos que são relevantes para o entendimento da pretensão do autor ao escrever o livro, tais como a observância dos gêneros literários e os contextos histórico, socioeconômico, cultural e teológico.¹⁸

Uma das figuras que aparecem no livro e que tradicionalmente é vítima de críticas pela maneira como ela é introduzida no contexto é a mulher de Jó. No entanto, é necessário questionar o motivo dessa abordagem visto que o autor pro-

¹⁴ DEILFELT, 2003, p. 173.

¹⁵ DEILFELT, 2003, p. 173.

¹⁶ DEILFELT, 2003, p. 174.

¹⁷ DEILFELT, 2003, p. 175.

¹⁸ NEVES, Natalino das. **Análise do livro de Jó sob a perspectiva da Igreja Evangélica Assembleia de Deus e de Paulo Freire: um diálogo entre a teologia e a pedagogia.** 2010. 136 f. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2010. p. 22.

cura trazer respostas às situações de opressão das mulheres hebreias no período da escrita do livro.

O Livro de Jó

Esse livro é uma obra especial na literatura sapiencial de Israel, pois apresenta uma busca da sabedoria de vida a partir de um questionamento da ideologia predominante que possibilitava ao leitor o entendimento do modo sábio de se viver livre da dominação e em comunhão divina, isento de culpa e constrangimento espiritual.

Rossi¹⁹ afirma que esse livro é atual, entretanto o entendimento de sua mensagem se torna complexo se não forem tomados alguns cuidados preliminares na sua leitura. O livro conta a história de uma coletividade que é representada por um personagem chamado Jó, que passa por situações de tristeza e sofrimentos ao perder seus bens, família e saúde, vítima de uma ideologia de opressão. Isso o submete a uma situação de solidão, medo e falta de perspectivas, chegando ao limite da tolerância do ser humano. Entretanto, seu maior sofrimento é causado pelo desconhecimento do motivo de sua dor, que o leva a questionar sua situação e a ideologia legitimada pela própria instituição religiosa vigente, até então inquestionável, representada no livro pelos seus “amigos”, que o visitam no momento de dor e aflição, mas com discursos em defesa do sistema de dominação.

Vários autores, por exemplo Rossi²⁰, Storniolo²¹, Terrien²² e Gradl e Stendebach²³, afirmam que o livro contém, de um lado, uma parte textual em prosa (Jó 1-2; 42.7-17), que serve como moldura do livro, e do outro lado, a parte textual em verso (poema) (Jó 3.1 a 42.6), como parte central do livro, e os capítulos 28 e 32-37, além de Jó 42.12-17, como acréscimos posteriores. Shreiner²⁴ reforça ser fundamental a distinção do quadro narrativo (prosa) da parte dos diálogos (poema) para a interpretação do livro.

O tema do sofrimento do inocente está presente tanto no Oriente como no Ocidente e é atemporal. Esse tema emergiu a partir da opressão imposta pelas grandes potências, que surgiram ao longo da história e provocaram uma onda geral de pessimismo e ceticismo.²⁵ Várias obras egípcias já tratavam do assunto, entre as

¹⁹ ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **A falsa religião e a amizade enganadora**: o livro de Jó. São Paulo: Paulus, 2005. p. 9.

²⁰ ROSSI, 2005, p. 9-12.

²¹ STORNILO, Ivo. **Como ler o Livro de Jó**: o desafio da verdadeira religião. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 7-9.

²² TERRIEN, Samuel. **Jó: grande comentário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 8-9.

²³ GRADL, Felix e STENDEBACH, Ranz Josef. **Israel e seu Deus**: guia de leitura para o Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2001. p.111.

²⁴ SHREINER, J. **Palavra e mensagem do Antigo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004. p. 344.

²⁵ STORNILO, 2008, p. 7-9.

mais antigas estão: “O diálogo do homem cansado da vida com sua alma”, de 2190 a 2040 a.C.²⁶, e um documento cuneiforme do terceiro milênio a.C. que tratava do problema do mal, atualmente conhecido como o Jó sumeriano²⁷. Rossi afirma que Jó era proverbial entre os judeus exilados.²⁸ Para Terrien²⁹, Jó era um tipo lendário que passava por um modelo de piedade. Portanto essa antiga lenda é utilizada para fazer parte da moldura do livro em forma de prosa (Jó 1-2; 42.7-11). Portanto textos antigos foram utilizados para fazer parte da moldura do livro em forma de prosa (Jó 1-2; 42.7-11). Porém Shreiner³⁰ afirma que não é possível definir se foram totalmente ou parcialmente absorvidos pelo autor do livro.

Outro ponto importante a ser destacado é o personagem de Jó, que, segundo Storniolo³¹, deve ser encarado coletivamente (3/4 da população israelita) e, conforme Rossi³², identifica-se com os “muitos camponeses que perderam seus rebanhos, suas terras e até mesmo seus filhos e filhas” durante a dominação do Império Persa. Nesse período, a exploração dos camponeses era dupla: Império Persa (externa) e líderes religiosos judaicos (interna). A primeira exploração dava-se por meio de um sistema persa de pesada e injusta cobrança de tributos dos camponeses. A segunda exploração era realizada por meio de ricos comerciantes e das famílias dos chefes dos sacerdotes que controlavam o templo e eram beneficiados pelo sistema persa.³³

Segundo Tünnermann³⁴, uma política persa que deu certo foi a da tolerância religiosa, que favorecia a aproximação e a cumplicidade dos líderes religiosos das nações subjugadas, isso levou um significativo número de pessoas da população à pobreza, miséria e escravidão. Rossi³⁵ afirma que “o império persa sugava a vida do povo”. Esse sistema de dominação tinha que ser sustentado por uma ideologia para manter o *status quo* e evitar as revoltas dos explorados e oprimidos. Os líderes do dogma da retribuição participavam do sistema, eram, além de cúmplices, executores dessa política de morte. Segundo Neves e Rossi³⁶, o sistema educacional

²⁶ STORNIOLO, 2008, p. 7-9.

²⁷ TERNAY, Henri de. **O livro de Jó: da provação à conversão, um longo processo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 13.

²⁸ ROSSI, 2005, p. 12, 22.

²⁹ TERRIEN, 1994, p. 7.

³⁰ SHREINER, 2004, p. 345.

³¹ STORNIOLO, 2008, p. 9.

³² ROSSI, 2005, p. 14.

³³ ROSSI, 2005, p. 14. Também ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus vai ao Mc Donald's: Teologia e sociedade de consumo.** São Paulo: Fonte Editorial, 2008. p. 23 e 32.

³⁴ TÜNNERMANN, Rudi. **As reformas de Neemias: a construção de Jerusalém e a reorganização de Judá no Período Persa.** São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2001. (Série Teses e Dissertações, v. 17).

³⁵ ROSSI, 2008, p. 36.

³⁶ NEVES, Natalino das; ROSSI, Luiz Alexandre S. Por uma educação emancipadora: uma releitura freireana do Livro de Jó. SANCHES, M. A. (Org.). In: IX CONGRESSO DE TEOLOGIA DA PUCPR. 2009, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba: Champagnat, 2009. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2009>>. Acesso em: 02 fev. 2010. p. 103.

era instrumentalizado para a propagação dessa ideologia e para a manutenção do *status quo* vigente, onde uma minoria controlava a maioria oprimida.

O autor do Livro de Jó propõe-se a responder aos questionamentos desses oprimidos e confrontar a influência política, socioeconômica e teológica a que estavam submetidos. Geralmente os comentaristas do Livro de Jó se atêm às questões do sofrimento sem um aprofundamento na questão de gênero presente no livro, mas apenas pequenos comentários.³⁷ Este trabalho acadêmico não tem a pretensão de preencher essa lacuna na sua totalidade, mas trazer uma reflexão sobre essa observação e, desta forma, suscitar novas pesquisas sobre o assunto.

A mulher de Jó sob uma abordagem de gênero

A mulher de Jó geralmente é avaliada pelo tratamento que recebe do personagem principal do livro: “Como fala qualquer doida, assim falas tu” (Jó 2.10). Desta forma, o leitor pode interpretar que o autor do livro tem a intenção de menosprezar a atitude da mulher de Jó e generalizar como atitude normal da mulher. Entretanto, uma hermenêutica mais detalhada e cuidadosa pode demonstrar outro resultado.

Essa personagem surge repentinamente e, da mesma forma, sai de cena. Esse fato demonstra que a personagem é irrelevante para o tema tratado no livro ou será que essa atitude reflete uma condição da construção social da época em que o livro foi escrito? Essa é uma questão intrigante, que requer uma resposta. A mulher de Jó aparece somente em um versículo durante todo o livro, com uma fala de protesto pela situação de Jó que também a atingia: “[...] Sua mulher lhe disse: ‘E você ainda continua em sua integridade? Amaldiçoe a Deus e morra de uma vez!’” (Jó 2.9). A atitude da mulher de Jó é atribuída como a de “qualquer doida” (Jó 2.10). A leitura dessa frase, sem considerar o contexto em que o livro está inserido, pode produzir uma interpretação equivocada da intenção do autor. Segundo Rossi³⁸, essa personagem não entra no texto sem uma intenção do autor, mas para demonstrar uma parcela do povo que sofria opressão e dominação pelo Império Persa e pelos líderes religiosos de Israel: “[...] Os 40 capítulos que compõem o núcleo do livro se apresentam como um eco do protesto das mulheres em Neemias 5.1-5. E a mulher de Jó é apresentada pelo texto como um contradiscurso”.

Rossi³⁹ argumenta que as mulheres representadas pela mulher de Jó, diante da situação de opressão e sofrimento em que se encontravam, protestam contra a ideologia vigente, agindo como protagonistas. Diferente do que era esperado pelos representantes da teologia de retribuição, que apregoavam que o sofrimento era oriundo de pecados e falhas de comportamento, punição justa de Deus, portanto,

³⁷ Autores que fazem menção às questões de gênero, como exemplo das citações deste trabalho, Rossi e Tünnermann o fazem de forma resumida, sem aprofundar no assunto.

³⁸ ROSSI, 2005, p. 15.

³⁹ ROSSI, 2005, p. 16.

segundo eles, não passível de questionamento. Para Rossi⁴⁰, essa atitude era considerada uma afronta contra Deus: “[...] Protestar contra a injustiça era não confiar na justiça de Deus. Pior, era não aceitar o plano de Deus e, portanto, amaldiçoá-lo”. Esse comentário conduz ao questionamento do motivo dessas mulheres serem representadas pela mulher de Jó. Quais as características similares entre a realidade (mulheres hebreias oprimidas) e sua figura (mulher de Jó)?

Para Reimer e Reimer⁴¹, “Neemias 5 é um texto histórico da época do pós-exílio”. Tünnermann⁴² aborda a importância da perícopos de Neemias 5.1-19 para a compreensão da construção social nesse período: “[...] é um texto importante como fonte para o período pós-exílico, pois apresenta a realidade socioeconômica de Judá na metade do século V a.C. O texto narra a reforma social realizada por Neemias e apresenta um resumo da sua conduta como governador de Judá”. Nesse período, Judá enfrentava uma grave crise social, na qual os pequenos camponeses estavam perdendo suas casas e afundando em endividamentos, a ponto de perderem seus próprios filhos, que estavam sendo sujeitados à escravidão e opressão. Nos dois primeiros versículos do capítulo, fica clara a indignação das mulheres: “O povo e suas mulheres começaram a clamar fortemente contra seus irmãos os judeus. Eram estas suas palavras: Nós, nossos filhos e nossas filhas somos muitos; tomemos trigo, para que comamos e vivamos” (Ne 5.1-2). Segundo Tünnermann⁴³, “[...] A menção das mulheres não deve ser considerada uma simples casualidade, especialmente porque, na obra de Esdras-Neemias, elas estão em segundo plano”. Para entender a indignação das mulheres, numa sociedade na qual elas não tinham voz, é necessário analisar o ocorrido durante a construção do muro de Jerusalém, em que os homens haviam sido convocados para o trabalho e as mulheres ficaram sozinhas e na miséria, sem comida e com os filhos e filhas sendo penhorados pelas dívidas. Não obstante todo esse sofrimento, Tünnermann⁴⁴ afirma que provavelmente as filhas empenhoradas pelas dívidas, originadas pelo sistema injusto de cobrança de tributos do Império Persa, eram abusadas sexualmente, usadas como objeto sexual e humilhadas pelos poderosos. Essas mulheres não tinham como ficar caladas diante de tal situação. Como poderiam aceitar pacientemente, conforme preconizava a teologia de retribuição? Que *deus* poderia exigir tal situação de opressão, miséria e dor? Reimer e Reimer⁴⁵ afirmam que o clamor popular, mas especialmente das mulheres, contribuiu para a ação de Neemias frente ao problema de endividamento e empobrecimento dos camponeses, que resultou no perdão das dívidas e devolução dos bens e familiares hipotecados.

⁴⁰ ROSSI, 2005, p. 17.

⁴¹ REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni Richter. **Tempos de Graça**: o jubileu e as tradições jubilares na Bíblia. São Leopoldo: Sinodal; CEBI; São Paulo: Paulus, 1999. p. 112.

⁴² TÜNNERMANN, 2001, p. 142.

⁴³ TÜNNERMANN, 2001, p. 142.

⁴⁴ TÜNNERMANN, 2001, p. 142.

⁴⁵ REIMER e REIMER, 1999, p. 103 a 112.

A mulher de Jó, diferente do que comumente se ensina, representa essas mulheres, que, revoltadas com a situação de opressão que estavam submetidas, questionam a teologia que propagava o *deus* do dogma da retribuição.

Metodologia e resultados

Este artigo utilizou o recurso hermenêutico com base na revisão bibliográfica, com vistas a identificar as questões de gênero no Livro de Jó, mais especificamente quando é introduzida a figura da mulher do personagem principal do livro de forma repentina e com uma fala que aparentemente é peculiar de uma pessoa insensata e blasfema.

Para tanto, por meio de uma abordagem hermenêutica sob a perspectiva teológica feminista, buscou-se identificar a construção social do período histórico do livro em análise, para reconstruir, a partir da análise de gênero, o papel socialmente imposto à mulher, com vistas a colocar em questão as interpretações até então conhecidas, valorizadas e não questionadas.

O resultado dessa releitura demonstrou que a fala da mulher de Jó representa um grito de protesto de parte da classe oprimida, que eram as mulheres, vítimas das mesmas opressões sofridas pelos homens, mas acrescida do preconceito de gênero.

Considerações finais

Este artigo demonstrou que, com o aumento da participação das mulheres no pensar teológico e o surgimento da Teologia Feminista, a forma de interpretar os textos bíblicos, que era predominantemente masculina, passou a ter uma nova percepção de Deus e da Bíblia a partir da experiência da mulher.

Tendo como base essa hermenêutica feminina de textos bíblicos, ficou demonstrado que a mulher de Jó intitulada de “doida” (Jó 2.10), na realidade representa o grito de protesto de uma grande quantidade de mulheres oprimidas, humilhadas e que eram proibidas de questionar a situação a que estavam submetidas. Essas mulheres, representadas pela mulher de Jó, rompem o silêncio e questionam o *deus* da teologia da retribuição, pois não podiam aceitar uma teologia que aceitava a opressão dupla das mulheres e que não permitia questionamentos. Portanto ficou demonstrado, com base nos dois únicos versículos do Livro de Jó (Jó 2.9 e 10), contextualizados por meio de Neemias 5.1-19, mesmo período da época da escrita final de Jó e que fornece detalhes sobre o sofrimento das mulheres hebreias, que a imagem que geralmente se tem da mulher de Jó é equivocada, na realidade ela representa um grupo de lutadoras que foram em busca de seus direitos.

Este artigo provoca uma reflexão sobre as contribuições das interpretações teológicas que são instrumentalizadas pelas instituições religiosas contemporâneas para as questões de gênero, com intuito de contribuir para a mudança dessa realidade de opressão feminina.

Referências bibliográficas

- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org). **Gênero e Teologia, interpretações e perspectivas**. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Loyola e Soter, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GRADL, Felix e STENDEBACH, Ranz Josef. **Israel e seu Deus: guia de leitura para o Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2001.
- NEVES, Natalino das. **Análise do livro de Jó sob a perspectiva da Igreja Evangélica Assembleia de Deus e de Paulo Freire: um diálogo entre a teologia e a pedagogia**. 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2010.
- NEVES, Natalino das; ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Por uma educação emancipadora: uma releitura freireana do Livro de Jó**. SANCHES, M. A. (Org.). In: IX CONGRESSO DE TEOLOGIA DA PUCPR. 2009, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba: Champagnat, 2009. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2009>>. Acesso em: 02 fev. 2010.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **A falsa religião e a amizade enganadora: o livro de Jó**. São Paulo: Paulus, 2005.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus vai ao Mc Donald's: Teologia e sociedade de consumo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade: Gênero e Educação**, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.
- SHREINER, J. **Palavra e mensagem do Antigo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004.
- SILVA, Nanci Stancki; GITAHY, Leda Maria Caira. Gênero e divisão sexual do trabalho no Brasil. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 2, n. 8, out./dez. 2006.
- SILVA, Silvia Regina de Lima. Teologia Feminista Latino-Americana. In: II CONSULTA DE TEOLOGIA E CULTURAS AFRO-AMERICANAS E CARIBENHAS. São Paulo, 7-11 de nov.1994. Disponível em: <<http://ospiti.peacelink.it/zumbi/afro/atab/cons22.htm>>. Acesso em: 01 fev. 2010.
- STORNILO, Ivo. **Como ler o Livro de Jó: o desafio da verdadeira religião**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- STRÖHER, Marga Janete. **Teologia Feminista e Gênero**. Territorialidades, Deslocamentos e Gêneros. Disponível em: <<http://www.wftl.org/pdf/055.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2010.
- SWAIN, Tânia Navaro. Quem tem medo de Foucault? Feminismo, Corpo e Sexualidade. In: PORTO CARRERO, V.; BRANCO, G. C. **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2000.
- REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni Richter. **Tempos de Graça: o jubileu e as tradições jubilares na Bíblia**. São Leopoldo: Sinodal; CEBI; São Paulo: Paulus, 1999.
- TERNAY, Henri de. **O livro de Jó: da provação à conversão, um longo processo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- TERRIEN, Samuel. **Jó: grande comentário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1994.
- TÜNNERMANN, Rudi. **As reformas de Neemias: a construção de Jerusalém e a reorganização de Judá no Período Persa**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2001. (Série Teses e Dissertações, v. 17).